

## Cartografias da mitopoética amazônica: entrelugar, heterotopia e encantaria

Dr. Claudicélio Rodrigues da Silva<sup>1</sup> (UFRJ)

### Resumo:

*Território da diversidade e do multiculturalismo, a Amazônia legal é natural e culturalmente plural. Abriga uma infinidade de poéticas verbais e não-verbais, polifonia que é compreendida nas lendas dos ribeirinhos, nos mitos e ritos indígenas, nas lendas urbanas, nas estórias dos pescadores litorâneos... Essa riqueza oral tem alimentado o imaginário da literatura há cinco séculos, dos cronistas do descobrimento aos poetas e romancistas da atualidade. Mas é à noção de encantaria como um entrelugar ou, no dizer de Foucault, como um espaço heterotópico, que este trabalho pretende voltar-se. A encantaria seria um espaço outro, dentro do espaço geográfico, onde habitam os seres encantados que se configuram nas rapsódias e nos ritos amazônicos como a pajelança e o tambor de mina. Entre os seres da encantaria, destaca-se Dom Sebastião, encantado ora nas areias da Ilha de Lençóis, no Maranhão, ora em ilhas do litoral do Pará.*

**Palavras-chave:** Oralidade, Sebastianismo, Performance, Encantaria, Mitopoética

## 1 Introdução

4 de agosto de 1580. Marrocos, precisamente a região desértica de Alcácer-Quibir. A batalha entre mouros e cristãos. De um lado, Dom Sebastião, o jovem monarca português, com seu exército inexperiente, e completamente despreparado para os sortilégios do deserto, acompanhado de um príncipe marroquino que desejava destronar o tio sultão, Muley Moluco. Episódio que ficou conhecido como “A batalha dos três reis”, teve fim trágico para os três monarcas, mesmo vencendo os mouros. O corpo de Dom Sebastião, então com 24 anos de idade, não foi encontrado. Ele também não estaria entre os cativos. Teria fugido? Estaria mesmo morto como apontaram os inimigos? Os sobreviventes voltavam ao reino e davam conta dos horrores da batalha, anunciando que não viram corpo algum do seu rei. Que deveriam esperar por seu retorno. O monarca que, antes de nascer, recebera a alcunha de “O Desejado” agora tornara-se “O encoberto”, suscitando o mito de que estaria encantado numa ilha desconhecida, onde aguardaria o dia propício para a fundação do Quinto Império. Sem rei não há um reino, e Portugal e todas as colônias passaria a ser governado pela Espanha, já que o rei Felipe II era descendente direto de Dom Sebastião. O exílio português – entre 1580 e 1640 – favoreceu a crença messiânica do retorno do monarca desaparecido de tal modo que o mito do encoberto foi transplantado para todas as colônias, chegando, obviamente no Brasil e se adaptando aos anseios e questões locais. Entre os movimentos de cunho profético-messiânico que davam conta do retorno de Dom Sebastião, podemos destacar o massacre em São José do Belmonte, no sertão pernambucano e outro na serra do Rodeador, também em Pernambuco, ambos na segunda metade do século XIX. Era também em nome de uma monarquia, simbolizada pelo retorno de Dom Sebastião, que o profeta peregrino Antonio Conselheiro, fundara o arraial de Canudos, na Bahia,

sendo massacrado pelas tropas republicanas.

Passados quase 400 anos da batalha de Alcácer-Quibir, o mito sebastiânico ainda se faz presente no Brasil e alimenta o imaginário de muitas pessoas, que esperam o retorno do monarca, agora cultuado como uma entidade afro-cabocla, abasileirado, portanto, no culto do Tambor de mina ou na pajelança, na região litorânea que se estende do Maranhão ao Pará. As ilhas sebastiânicas gestaram e nutrem em cantos (doutrinas) e relatos fantásticos a reconfiguração ou ressignificação da crença no monarca português. Na ilha de São Luís, capital, na Ilha de Lençóis, a ocidente, e em três ilhas paraenses, os ilhéus louvam o rei encoberto, como um encantado, um habitante da Encantaria, com toda a sua corte e exércitos. Esses cantos, entoados no terreiro, durante o culto, ou no dia a dia, bem como os relatos das visões, constituíram meu objeto de pesquisa em poética, no Departamento de Ciência da Literatura, na UFRJ, onde defendi doutorado em 2010. Não seriam mais apropriados que eu devesse escolher a Antropologia para esse tipo de estudo? Afirmo que não, uma vez que não é etnografia o que me interessa, mas a construção poética dessa palavra performatizada, corporificada, a luz do que o grego entendia como poesia, a saber, a junção de voz, corpo e palavra. A poesia que diz o sagrado, oferta, sem revelar, o numinoso, está presente nessa palavra que dá não dando conta de explicar o mistério, transforma sua experiência quase como um rito, um rito em que a palavra se faz poesia e reatualiza o sonho, o delírio, o imaginado e o vivido.

## **2 Cartografias imaginárias de uma ilha**

Um artigo em que Deleuze (2006)<sup>1</sup> apresenta o sentido místico e mítico da ilha deserta orienta esta análise. Nele são apontadas as causas e razões das ilhas desertas, reconfigurando-as como lugares singulares à construção do mito, pois a essência de uma ilha, antes de ser geográfica, é imaginária. Afinal, ilha pode ser entendida como aquilo que contém ou que está contido? Seria o negativo do mar? Por que o fascínio do homem pela ilha ao longo do tempo? Talvez o fascínio do homem pela ilha se deve justamente por sua configuração de isolamento. A ilha é sinônimo, ainda que aparente, de proteção diante da iminência da morte. Isolado das forças arbitrárias e grandiosas do continente, o ilhéu encontra abrigo assumindo os desígnios da criação de um mundo. As forças temporais que regiam o humano são agora re-significadas a partir desta ocupação demiúrgica. Foi necessário o ímpeto da separação para que o tempo da construção se operasse.

Mas o que leva o homem a movimentar-se na direção da ilha, separando-se do mundo? Estar na ilha, porém, não significa que o homem a habita. Ela continua deserta porque percebendo sua condição insular, o homem deriva uma ilha imaginária, construída originalmente como mundo: “Em certas condições que o atam ao próprio movimento das coisas, o homem não rompe o deserto, sacraliza-o.” (DELEUZE, 2006, p. 18). É a ilha que deve ter consciência de deserto por ser o sonho do homem. Para Deleuze, o homem habitante da ilha assume a condição de quase um deus, a mulher, de uma deusa, porque absolutamente se torna criador, precedendo a si mesmo nessa criação. A essência da ilha é ser desértica, construção imaginária e mítica<sup>2</sup>, e não real e geográfica, submetida às condições humanas. Mas esse imaginário se dá coletivamente, através dos ritos e mitologias: “Na ilha deserta, uma tal criatura seria a própria ilha deserta à medida que ela se imagina e se reflete em seu movimento primeiro. Consciência da terra e do oceano, tal é a ilha deserta, pronta para recomendar o mundo” (DELEUZE, 2006, p.19). Seu formato oval já se mostra um cosmo, ovo cósmico. No mais, tudo é deserto, ilha e oceano são desertos, ainda que ambos

---

<sup>1</sup> Tradução de Luiz B.L. Orlandi.

<sup>2</sup> É neste sentido que Deleuze afirma ser a literatura uma tentativa de compreensão dos mitos, uma vez que o homem deixou de sonhá-los e reproduzi-los.

estejam habitados. O próprio homem insulano padece de desertificação.

Protótipo da alma coletiva, a ilha oferece ao homem o re-começo, a segunda origem, daí que é o local propício para a construção de uma mitologia: “a ilha é o mínimo necessário para esse recomeço, o material sobrevivente da primeira origem, o núcleo ou o ovo irradiante que deve bastar para re-produzir tudo” (DELEUZE, 2006, p.21). Não é o mito exatamente um recomeço, uma repetição? A ilha constitui um duplo mundo, pois geograficamente é ilha por estar cercada de águas, e também é topo de montanha furando a água. E esta segunda origem parte de uma catástrofe que deveria acontecer para que a reprodução ocorresse. Por causa disso, a ilha pode ser denominada de santa, ovo cósmico, destinada ao homem, não aos deuses. Também as figuras mitológicas ligadas à ilha são femininas, detentoras do poder de gerar e gerir vidas, uma vez que “[...] o começo partia de Deus e de um par, mas não o recomeço, que parte de um ovo, de modo que a maternidade mitológica é frequentemente uma partogênese” (DELEUZE, 2006, p. 22).

### **3 As ilhas sebastiânicas**

O sebastianismo, que historicamente está ligado à terra, seja no sentido de permanecer com a posse dela, seja no sentido de conquistar outra, na construção do mito passa a ligar-se topográfica e simbolicamente à ilha. No capítulo oito de *Fábulas da Memória* (1994), Lucette Valensi apresenta o discurso da ilha encoberta que aguarda a segunda vida de Dom Sebastião. Inicialmente a autora investiga o farto material escrito pelos portugueses do passado sobre as memórias da batalha e o desaparecimento do seu rei. Os historiadores atuais precisarão se debruçar sobre uma diversidade de material escrito nos mais variados gêneros e com distintas finalidades, desde o interesse político, passando pela voz dos trovadores populares, até o interesse religioso. Os eruditos historiadores da batalha e do ocultamento do rei eram, em sua maioria, oriundos do clero, e difundiam as questões: esperamos um rei? Que provas ou indícios existem de seu retorno?

Nas duas décadas posteriores à batalha de Alcácer Quibir, essas questões se multiplicavam pelo reino, com nuances, nos inúmeros textos repassados nas ruas, praças, igrejas; textos anônimos ou marcados por uma autoridade. Muitos se mobilizaram para propagar esse desejo de um retorno. Mais que crença, o sonho do novo Império Cristão é gestado em cantos, contos, poemas, relatos, trovas, mensagens enigmáticas e aforísticas. Profecias, visões, pareceres astrológicos: tudo parece evocar o retorno do rei ausente. Para comprovar isso, inúmeros finais para a batalha são escritos. Um deles diz que o rei fugiu, após ser ferido, e vagou então pela Terra Santa, como um peregrino, tendo, inclusive, se apresentado ao papa, conforme atestam alguns desses documentos. Se o rei não se escondeu na Europa, na África ou na Ásia, e se o tempo propício ao retorno ultrapassou o limite humano, ele só poderia estar encoberto num lugar ermo, também escondido, fruto do sobrenatural. Seria uma ilha encoberta: “o encoberto vive retirado numa ilha que também é encoberta. Essa ilha encantada, invisível, impossível de localizar de maneira definitiva, e que não figura em nenhum mapa, surge contudo das brumas diante dos navios em apuro”. (VALENSI, 1994, p. 184)

O sebastianismo é rebento das ilhas. Se Portugal continental não quis aceitar a morte do rei, depositando nos boatos de sua fuga a promessa de um retorno, o arquipélago de Açores é o primeiro a anunciar a data do retorno. Na ilha de Angra, um marechal vaticinou a volta do rei para o décimo dia de março de 1580. No dia marcado, a população avistou uma grande embarcação e correu à praia, esperando ansiosamente o desembarque real. Rei nenhum desembarcou a olhos vistos, mas surgiram rumores de que três homens desconhecidos aportaram ali e foram acolhidos secretamente no convento de São Francisco. Os franciscanos, segundo o relato, agiram de modo a que o mito se mantivesse, trazendo para o interior do convento roupas e coisas de valor. As ilhas não aceitaram o domínio de Felipe II, rei da Espanha, e em 1581, quando quatro embarcações espanholas tentaram desembarcar em Angra para tomar posse em nome da Espanha, os ilhéus usaram como armas rebanhos de bois furiosos que exterminaram todo o exército (BERCÉ, 2003, p. 35-39).

Quase dois séculos depois, os marinheiros sobreviventes de uma tempestade em 1770 desembarcaram numa ilha desconhecida, repleta de riquezas e bens, sem que alguém tenha se esforçado para conseguir. No centro da ilha, os marinheiros ouvem na sua língua em eco: “Portugal, Castela”. É a voz de um homem penitente, vestido pobremente com uma túnica e com uma cruz. Ao conversar com os marinheiros, o peregrino informa que esteve na África, na Ásia e na Europa antes de habitar ali (VALENSI, 1994, p. 184-185). Vive-se aí conforme a justiça divina, os preceitos religiosos e católicos fundamentam o cotidiano. Essas ilhas afortunadas são retomadas nos poemas do livro *Mensagem* de Fernando Pessoa. É numa ilha que estaria velado o corpo do Encoberto, esperando o retorno: “São ilhas afortunadas/ São terras sem ter lugar,/ Onde o Rei mora esperando./ Mas, se vamos despertando / Cala a voz, e há só o mar”. (PESSOA, 2007, p. 103)

Esses versos, ao mesmo tempo em que descrevem as ilhas, indicam a indefinição de suas coordenadas geográficas. É pelo sonho que podemos ouvir a voz que vem no som das águas. É preciso ouvir de outro modo. Num transe, talvez. Senão o que poderemos ouvir será apenas o mar. Mas uma coisa é certa: não é preciso dormir para entrar em contato com o onírico, principalmente se o lugar em que se está é uma ilha, receptáculo de belezas. E por que tais ilhas seriam afortunadas? Por velarem o corpo nevoento do rei, por serem um paraíso natural ou, ainda, por estarem de fato isoladas? Não haveria lugar mais propício para esse velamento senão numa ilha. O útero do mito é a terra, cercada pelo líquido amniótico, o oceano. Ali o rei se refaz, sacraliza-se como mártir, reconstituindo-se enquanto encanto, personifica-se com a natureza e espera, no tempo das origens, um retorno. A voz que fala junto com o som das ondas é o rei desfiando seu canto de saudade. O rei é o tesouro da ilha, que jaz enterrado, à espera do marujo distante que chegue com um mapa e o desenterre, fazendo com que acorde para a vida. Em outro poema, o poeta fala da última nau que partiu, levando a bordo o Rei Sebastião. E pergunta: “Não voltou mais. /A que ilha indescoberta aportou?/ Volverá da sorte incerta/ Que teve?/ Deus guarda o corpo e a forma do futuro, / Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro/ E breve”. (PESSOA, 2007, p. 89)

A ilha indescoberta, imprecisa geograficamente porque “próxima e remota”, guarda o corpo místico do Rei moldando o futuro, a continuidade de um sonho que foi breve, mas deve estender-se. A ilha seria o sepulcro mítico velado do novamente Esperado. E qual seria a forma do futuro. Que corpo ganhará o novamente encoberto? O corpo místico do príncipe adormecido associa-se aqui ao conto de fadas “A bela adormecida”, que não está nem morta nem viva, mas espera apenas o tempo e o cavaleiro propícios para o beijo da vida.

#### **4 A poética da Encantaria e a construção das heterotopias**

Ah, aí eu não posso nem lhe dizer o que é Encantaria. É porque eu sei que é um mistério que eu não sei mesmo nem lhe contar. Porque aliás é... é o Brasil todo. Tem essa encantaria. Então eu não posso até dizer. O Lençol mesmo é terra dos encantados, é a ilha da assombração, porque tem a doutrina... eles dizem porque lá aparece muita visão. Pode ser por isso. Aparece muita visão. (Maria Teresa, Apicum-Açu, jan 2008)

Por que projetar o mito justamente numa ilha que, além de fechada, é indescoberta? Se utopias são espaços sem lugar real por apresentarem à sociedade seu inverso, o ideal, há que se buscar outros espaços, que não dependem de uma delimitação que nos acostumamos a fazer, sempre levando em consideração a conjuntura do real e as nervuras do irreal. Estamos imersos no espaço, não podemos fugir dele. Somos preenchidos pelos espaços que habitamos. Somos também habitados por outros espaços. E há ainda os espaços que não cabem em nós e outros em que não cabemos. Como um jogo de espelhos, somos projetados para fora de nós e aí onde estamos sem estar, nos damos conta de nosso ser. Vivemos, pois, em simultaneidades, em espaços heterogêneos, como mostra Foucault, numa conferência de 1984 intitulada “Outros espaços”: “O espaço no qual

vivemos, pelo qual somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos sulca é também em si mesmo um espaço heterogêneo”. (2009, p. 414)<sup>3</sup>

Os espaços em que estamos se interrelacionam, interpenetram-se até, dialogam. Os dois tipos de espaços apontados por Foucault são as utopias e as heterotopias. É desse último conceito que quero fazer emergir o sentido da poética da Encantaria. Se, como diz Foucault, “[...] não há uma única cultura no mundo que não se constitua de heterotopias” (2009, p. 416), parece-me pertinente lançar mão desse termo para entender o que na fala dos sebastianos aparece como uma região cujo itinerário é impreciso porque se situa no limite, é um entremeio, um entrelugar.

O homem está na ilha, seu espaço real de habitação, e nela construiu espaços de relações, alguns mais abertos que outros. Vive, no entanto, na iminente espera de mudança, uma vez que o próprio espaço natural é movente, obrigando o ilhéu a refazer de tempos em tempos seus sítios, numa reconfiguração incessante. Desse modo, o homem habitante da ilha idealiza um situar pleno. Sua utopia consiste em conseguir fixar-se num sítio seguro. Essa inversão é utópica porque não acontecerá. Está imerso pela contradição de ser ilha. E deixaria o ilhéu de ser ilha abandonando seu espaço original? Mas é habitando a mobilidade dos seus ritos que o homem consegue congrega vários espaços em torno de seu sonho. Fora de si, habitando o outro mundo, sem sair dos seus espaços, o homem realiza-se no devir, pela poética da Encantaria. Através da palavra proferida, anuncia-se a instauração de um espaço que se fundamenta como uma construção heterotópica. Pela palavra, falada ou cantada, mas nunca dita ao vento, este habitante é habitado no instante mesmo em que sai de si e se vê num lugar em que nunca esteve, e no entanto, nunca saiu de lá: a Encantaria. O lugar fora do lugar, espaço aberto, projeção dissolvente dos lugares reais e irreais, a proximidade e repulsa ao mesmo tempo, sítio onde se é e não é. É esse o sentido de Encantaria, contemplação não do outro, mas do próprio ser do homem. É na Encantaria que esses moradores se encontram como morada, enquanto seu anseio maior é chegar até ela. Habitam a confluência que só pode ser marcadamente um espaço mítico e místico<sup>4</sup>.

O que Paz apresenta como uma metáfora do sopro, talvez seja o que Foucault denomina como heterotopia e aqui está associada à ideia da Encantaria. Independente da vontade e do desejo, o homem se vê arremessado para o outro espaço onde deve encontrar-se consigo mesmo. Por isso, essa experiência é um “salto mortal”, porque não se sai dela sem que algo não tenha morrido. O sopro que vem de dentro do homem é também o sopro que lança essa frágil humanidade à infundável cachoeira do mistério. O sopro conta o inefável e empurra o homem para o inesperado. O ‘mundo daqui’ é composto de contrários relativos. É o reino das explicações, das razões e dos motivos. O grande vento sopra, rompe-se a cadeia das causas e feitos. A primeira consequência dessa catástrofe é a abolição das leis de gravidade, naturais e morais. O homem perde peso, é uma pluma. (PAZ, 1982, p. 151)

---

<sup>3</sup> Conferência proferida no *Cercle d'Études Architecturales*, em 14 de março de 1967 e publicado em *Architecture, Movement, Continuité*, 5, 1984. As citações tomam o texto traduzido por Inês Autran Dourado Barbosa (2009). Há uma outra tradução portuguesa de Pedro Moura, que vale à pena ser analisada. Retirado de: [http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault\\_pt.html](http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html), em 21 de agosto de 2009.

<sup>4</sup> Ao apresentar o conceito de heterotopia, Foucault justifica que ainda não ultrapassamos as dicotomias, as antíteses quando nos referimos ao espaço em que habitamos. Isso ocorre porque ainda não concebemos o espaço sem que o sagrado aí se manifeste: “[...] talvez nossa vida ainda seja comandada por um certo número de oposições nas quais não se pode tocar, as quais a instituição e a prática ainda não ousaram atacar [...]. Todos [esses espaços] são ainda movidos por uma secreta sacralização.” (op.cit., 413) Será que o homem algum dia dará conta do situar-se no mundo sem a interferência do sacro? A meu ver, ainda descrente ou mesmo sem religião, o homem sempre necessitará erigir altares para os deuses que ele for capaz de criar, porque é da natureza humana ocupar-se com algo além da esfera do tangível. Não é por isso que é a pedra o mineral escolhido pelos homens primitivos para chegar até o supremo? Na dureza de uma rocha jaz o poder que o homem sempre anseia, fortaleza. Portanto, o espaço e as coisas que o constituem são e serão pontes para aquilo que não tem lugar nem tempo, que tanto admiramos.

Não é à toa que, nos relatos das visões sebastiânicas, o narrador deixa transparecer uma ambiguidade, na medida em que não se sabe se a experiência foi boa ou ruim. Ver o outro lado é ser contemplado ou castigado? O vidente considera-se escolhido, mas para quê? Fazer parte de uma comunidade que justifica e fundamenta seu cotidiano, seja ele o mais corriqueiro possível, pela dimensão do sagrado, é uma experiência fascinante para quem está acostumado com a cultura do efêmero, do culto solitário do vazio. Ou melhor, trata-se de experimentar radicalmente o *mysterium tremendum*, o terror diante da manifestação que nos deixa sem fala (OTTO, 2007).

Estamos na outra margem, na Encantaria. Estamos lá sem nunca estarmos realmente, porque ela se desloca até nós, nessa ambivalência entre ser e não ser, estar e não estar. Em transe, assustados, alterados, somos arrebatados para um estágio da consciência que passa a negar qualquer fresta de real, e o sonho passa a ser a mais pura manifestação do Outro. Essa epifania é tão verdadeira que fica gravada para sempre na memória, com riqueza de detalhes incomum para um simples sonho. Quem vive nas dobras do encanto, vê o assombro nas mínimas coisas, sente o desejo de retornar a uma origem primordial. Encanto, encantados, Encantaria. Na figura de um rei, dono de uma ilha, o humano nutre o desejo de ser o que nunca fora, sem jamais ter deixado de sê-lo. O Desejado agora é o homem, com fome de si mesmo.

## **5. Dicações sebastiânicas: o sonho como portal da Encantaria.**

Para analisar o discurso sebastiânico na Ilha de Lençóis, tomei como procedimento a entrevista filmada, além de gravações apenas em áudio. Em seguida foi feita a transcrição das falas e dos cantos, tendo-se o cuidado de demarcar as pausas, os silêncios, os risos, os gestos. A seguir, capturei as *frames* dos vídeos que correspondiam aos gestos, reveladores do discurso. A esse procedimento que integra voz e gesto denomino de dicção e ao evento, performance. Após transcrever o texto, uma dúvida aparece. Seria conveniente traduzir a sintaxe oral para a sintaxe escrita, eliminando marcas próprias da fala? Não estaria havendo aí uma corrupção do original? Por outro lado, uma vez que o texto escrito apresenta uma configuração própria e uma padronização necessária, não correria o risco de suscitar o preconceito ao deixar o texto com as marcas da fala, as repetições, os elementos de retomada, etc? Entendo que deixar o texto tal qual o narrador o concebeu não contribui de maneira significativa para a manutenção do discurso e a força poética, mas é preciso perceber as nuances, demarcar a voz, sua intensidade e modulação, que numa transcrição, mesmo literal, sempre se perderá. Assim, o uso do suporte midiático é uma tentativa de apreender o quanto possível algo que é de natureza do inapreensível. A performance capturada e editada torna-se um duplo, à medida que passo a ser um co-autor, um regente desse discurso, porque componho e rearranjo a narrativa de acordo com o meu interesse. Não há isenção, como se pretende a linguagem acadêmica. Não há isenção e tampouco há distanciamento do pesquisador. Há uma parceria nesse jogo performático. Um jogo, sim, de natureza poética.

Quem é o Rei Sebastião, o Encoberto das areias de Lençóis? Como ele se dá a conhecer? Todos são unânimes em dizer que o rei é o dono da ilha, já que também foi seu fundador. A ilha seria uma espécie de entremundo, obra de um encantado e não apenas da natureza. As assombrações narradas pelos moradores apresentam nuances variadas sobre o mesmo tema. Boa parte das aparições acontece por meio de sonho.

Nada é mais subjetivo que o sonho. Se a ilha é o entremundo, o sonho pode ser entendido como o entremeio, onde o diálogo das diferenças torna-se possível. É quando parte de mim se cala, para que o outro de mim possa falar. Lá no mais profundo do meu ser, emerge o outro de mim, na liberdade assistida por mim, que me limito a isso, porque ao corpo só resta narrar as maravilhas que viu do seu outro; o eu do corpo somente assiste a outrem na viagem. É por isso que cabe a ele dar o melhor de si para contar, talvez ansiando, um dia, ultrapassar a fronteira hermética do corpo e também visitar o entremeio. O sonho eleva o espírito a um estágio de semiconsciência que permite

ao narrador, depois, relatar com detalhes a sua visão. Está, pois, instaurada uma cosmovisão, ou melhor, uma cosmogonia: “O sonho é a cosmogonia de uma noite. Todas as noites o sonhador recomeça o mundo. Todo ser que sabe desprender-se das preocupações do dia, que sabe dar ao devaneio todos os poderes da solidão, devolve ao devaneio sua função cosmogônica” (BACHELARD, 2001, p. 201).

Para ilustrar essa poética do entremeio, é importante mostrar como, no relato do velho Chico, um dos patriarcas de Lençóis, acontece a fundação mítica da ilha. É o rei quem funda a ilha para ser seu local de descanso, depois de reinar em Portugal. A fala de Seu Chico indica a força simbólica que atua na Ilha, ela própria nascida de um encanto. O narrador conta que essa revelação foi feita através de um sonho, quando ainda era jovem. O encontro com o rei é descrito com detalhes:

[1] Então... eu vim fazer uma viagem em Bate-Vento... Agora, por meio de sonho, sim? **E aqui tinha lugar ali atrás do muro** [2] [...] tinha lugar por nome Bordado. E lá que o pessoal de Bate-Vento fazia as cacimbas para encher água para eles levar pra beber. E eu vim fazer essa viagem no Bate-Vento.

Quando chega lá, aí me deu vontade de... me deu sede, né. Eu botei o ferro na canoa e fui beber água. Quando eu fui me abaixando pra meter a mão na água pra botar na boca, foi quando disseram assim pra mim:

“Cê não mete a mão aí que a empregada do rei vai lavar roupa”.

Agora eu olhei, tava só eu e a barreira lá [...] Aí vai eu disse assim:

“E quem tá falando pode aparecer que eu quero ver”.

Disseram pra mim assim:

“Espere um pouco”.

Fiquei esperando. Quando eu dei fé, apareceu aquele homem na barreira do poço. Disse: “Olhe, entre que o rei quer falar com o senhor”.

Aí eu:

“E por onde que eu vou?”

“Passe por aqui”.

Nisso que eu me abaixei pra ir debaixo da barreira já fui pisando certo no degrau, **no batente da janela do palácio** [3]. E o palácio é escritinho aquele ali [aponta para o prédio do colégio, uma das poucas construções de alvenaria da ilha]. Aí eu olhei e ele tava deitado numa rede, num escritório assim, uma mesa assim... aí entrei, cheguei lá aí o moço disse:

“Pronto, rei, tá aqui o moço”.

Aí nós fomos conversar. Eu disse:

“Rei, como foi pra você vir pra cá?”

Disse que foi porque ele era rei em Portugal e ele queria descansar e ele queria dar lá a vaga prum sobrinho dele:

“E o rei de França e de Espanha queriam que eu desse pra eles. Então eu disse que eu não podia dar pra eles. Eu queria dar pra meu sobrinho que eu queria descansar. Então eles me disseram que... aí manifestaram uma guerra”.

Aí ele imaginou que ele só pra brigar com dois não dava. Ele podia perder. Aí ele juntou o pessoal dele, botou dentro do navio e fugiram. Que quando ele chega aqui nessa barra aqui... ele chega no lombo de terra que a maré passava, quando maresia vinha, lavava, escoava e ficava seco, ele mandou ancorar o navio. Quando ancorou o navio ele mandou botar o escaler dentro d’água e convidou Antonio Luís pra ir com ele. Aí quando eles foram chegando lá na croinha, ela foi descobrindo, ele foi espetando com espada dele. **Quando ele espetou a espada dele** [4], se encantou... ele com navio, com tudo.

[5] Aí fomos andar muito. Andemo muito. Aqui, viemos por aqui [aponta o norte da ilha], tudo no fundo aí, me amostrou um boi, o touro azul, me amostrou. Tem o casal. Tem o boi e a novilha azul. Me amostrou...**quando nós chega lá na ponta a terra levantou assim uns dez metros pra riba** [6]. Eu saí, eu subi e ele ficou bem na porta. Aí eu gritando pro povo né. Isso era umas quatro horas da

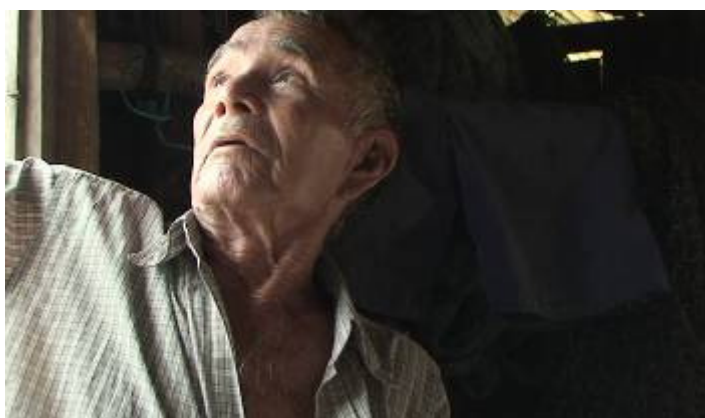
madrugada. Eu gritando pro povo que era pra vim ver ele [...] Aí eu amanheci atordoado, com sono. Meu amigo, **levei sete dias dormindo na areia quente** [7]. Não comia, num bebia. (Seu Chico, Lençóis, janeiro de 2009)



*[Frame 1].* O olhar do narrador encara o ouvinte, impõe respeito. Não é qualquer história o que ele tem a dizer. É preciso seriedade.



*[Frame 2].* Indica a referência do lugar onde sua família morava, antigamente. Isso é importante para situar o ouvinte no relato.



*[Frame 3].* Ao receber o convite para visitar o rei, Seu Chico desce ao poço e surge justamente na janela do palácio. O narrador aponta para a janela, sugerindo medidas da descida.





**[Frame 4].** O rei chega no escaler, finca a espada na coroa de areia e a ilha surge. O gesto do narrador faz o espectador perceber a força do encoberto.



**[Frame 5].** Às vezes a narrativa é interrompida para explicações. A mão coçando a fronte indica retomada no relato. É como se a fronte precisasse ser friccionada para fazer emergir a memória.



**[Frame 6].** Braços erguidos indicam a areia levantando para formar um muro e ocultar o rei encantado, separando visão e vidente.



**[Frame 7].** O dedo indicador atesta que a visão trouxe mal estar. Não há como não perceber nesse gesto a advertência.

Em todos os relatos, a presença do numinoso desencadeia uma série de reações que vai do frio seguido de arrepio ao pavor que produz a febre e a fraqueza corporal. O terrífico acompanha o vidente e fica claro nas narrativas. O ilhéu experimenta o medo atemorizante. No entanto, ao invés de ser considerada uma experiência negativa, o encontro com o Outro é recebido com uma dádiva, uma graça benevolente. É, no mínimo, um paradoxo imaginar isso. É que no reino do desconhecido não há nossa moral, portanto desaparece o niilismo. O sagrado não pode ser nem bom nem mau porque não é humano e, assim, nossas reações frente ao terrível não devem ser medidas com a régua do racional. Porque o caráter irracional estará sempre no cerne da experiência com o inefável é que nos impossibilitamos pensá-lo nos moldes do que achamos ser ética e justo. Aquilo que está fora de nós e longe de nosso alcance, prova que não somos capazes de tudo, uma vez que nossa essência demasiada humana nos impõe limites. Qualquer experiência com o “totalmente Outro” será sempre gestada pelo assombro.

## **Referências Bibliográficas**

- 1] **BERCÉ**, Yves-Marie. *O rei oculto: salvadores e impostores, mitos políticos populares na Europa moderna*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2003.
- 2] **DELEUZE**, GILLES. *A ilha deserta*. [Tradução de Luiz B.L. Orlandi]. Rio de Janeiro: Iluminuras, 2006.
- 3] **FINNEGAN**, Ruth. *Oral Poetry. It's nature, significance and social context*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 1977.
- 4] \_\_\_\_\_, *Oral Traditions and the Verbal Arts: A Guide to Research Practices*, (London, 1992).
- 5] **FOUCAULT**, Michel. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, Ditos e escritos III.
- 6] **HERMANN**, Jacqueline. *No reino do Desejado: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- 7] \_\_\_\_\_. *1580-1600: o sonho da salvação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 (virando séculos).
- 8] **OTTO**, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais da noção do divino e sua relação com o racional*. [Traduzido por Walter O. Schlupp]. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- 9] **PAZ**, Octavio. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- 10] **PESSOA**, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Hedra, 2007.
- 11] **VALENSI**, Lucette. *Fábulas da Memória: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

---

<sup>1</sup> **Claudicélio Rodrigues da SILVA**, Dr.

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),  
claudicelio@gmail.com